

Formação de um grupo teatral
na escola
Dificuldades e possíveis soluções
para a introdução da linguagem
teatral em alunos de uma instituição
em um horário extraclasse.

Joana Barreto Pontes ¹

Este artigo pretende discutir a realidade de uma escola localizada numa região central de Florianópolis no estado de Santa Catarina, onde os alunos por uma questão geográfica teoricamente teriam acesso às atividades culturais e teatrais, no entanto, na prática o professor de artes que inicia um trabalho teatral com uma turma, tem sempre que partir do início. Não existe uma continuidade no que é trabalhado com determinada turma em sala. Isto acaba por se agravar a partir do momento em que a disciplina Teatro, não está categorizada neste momento como uma disciplina obrigatória dentro da grade escolar.

Questão de grande abrangência também discutida neste artigo é a relação entre

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

professor e aluno de teatro, e a figura de um diretor teatral com seus atores. Foi perceptível a mudança de comportamento dos alunos quando sem falar explicitamente a respeito disso, mas eu comecei a tratá-los de maneira diferente, jogando cada vez mais a responsabilidade neles, por quaisquer que fosse o resultado final obtido. A minha parte eu estava fazendo, trazendo material, ministrando as aulas enfim, mas disciplina, e valor de trabalho em grupo, isto eles teriam que aprender por conta própria através das suas próprias atitudes.

O primeiro problema que enfrentei ao escolher como local de estágio uma escola que não possui em seu corpo docente um professor especificamente de teatro, foi verificar que além dos alunos conhecerem muito pouco sobre a linguagem, isto é, o que conheciam era o que estava no senso comum: atores são pessoas que trabalham na televisão, um bom espetáculo teatral é aquele que acontece num palco à italiana, geralmente o teatro do CIC é o único teatro que eles já ouviram falar, mas muitos nem o conhecem pessoalmente, enfim estereótipos criados devido a uma sociedade capitalista e consumista que só sabe apreciar, e consumir a arte se ela estiver vinculada a mídia. Do contrário não é boa, ou pior não existe.

Outro fator de grande significância foi ter escolhido o Projeto Escola Aberta, que consiste

num programa do Governo do Estado de Santa Catarina, onde aos sábados a escola fica aberta para a comunidade, com atividades programadas, abertas ao público em geral sob a coordenação de um professor da instituição. Na Escola Estadual Simão José Hess, o professor responsável ministra aulas de educação física, e por isso as únicas atividades que são propostas para o Escola Aberta, são ligadas a área do desporto. Não há oficinas de futebol, ou vôlei, as crianças que chegam lá sugerem o que vai acontecer, de modo que elas ficam livres demais, a ponto de não criar o hábito da disciplina de horário, disciplina em relação ao grupo presente, pois a cada sábado tem uma turma diferente, com uma proposta diferente. Seguindo a linha de que os alunos já têm essa obrigatoriedade durante a semana, no sábado as atividades são como a de um clube, aonde cada um chega a hora que quer, e vai embora da mesma forma.

Tradicionalmente, nossas escolas são escolas de leitura. Ainda hoje, a partir da pré-escola, a atividade fundamental da criança é aprender a ler e escrever. A criança em idade pré-escolar “brinca”, não se atribuindo às atividades espontâneas a mesma importância e seriedade que caracterizam o ensino primário, onde a criança começa a ter “tarefas” a cumprir. A escola atribui um peso proporcionalmente maior à função de acomodação da inteligência, não conferindo a mesma dimensão à assimilação. O que se vê com frequência

é que enquanto as funções intelectuais têm um progresso contínuo, na expressão artística, ao contrário, a impressão que se tem é a de um retrocesso [...] A atividade artística é periférica ao sistema escolar e lhe é atribuída a característica de “recreação”, quando não é submetida a exercícios de coordenação motora[...] (KOUDELA, 1984, p. 29).

Durante o tempo que estagiei no colégio, cheguei a ter sete alunos no total. No primeiro semestre quatro iam com mais frequência, e no segundo semestre somente uma das meninas que estava no começo continuou, e esta foi uma das maiores dificuldades que eu tive, pois acabei por ter que repetir muito dos conteúdos que eu já havia trabalhado, e este não era meu objetivo para o segundo semestre. Queria focalizar no trabalho com a peça que o grupo se dispusesse a trabalhar, não queria impor algo que eu quisesse montar, como uma diretora autoritária que escolhe seu elenco já pensando no espetáculo que quer montar. Tive que partir dos conceitos de jogos teatrais, de consciência de estar em cena, triangulação, entre outros conteúdos que já fora trabalhado.

A imaginação dramática, sendo parte fundamental no processo de desenvolvimento da inteligência, deve ser cultivada por todos os métodos modernos de educação. Piaget indica que o jogo está diretamente relacionado ao desenvolvimento do pensamento na

criança. Com qualquer estrutura cognitiva (esquema) há dois processos associados: o jogo assimila a nova experiência e, então, prossegue pelo mero prazer do domínio; a imitação relaciona-se com a experiência de modo a acomodá-la dentro da estrutura cognitiva - jogo para assimilar, imitação para acomodar. Embora a imitação e o jogo estejam diretamente relacionados com o processo de pensamento e com o desenvolvimento da cognição [isto tem relação com o que relatei do senso comum no qual os alunos que não tem muito conhecimento a cerca da linguagem teatral, e a questão da mídia. Elas acabam por imitar, ou entender que ator é o que aparece em novela, e acabam por imitar este „modelo“], a imaginação dramática é um fator-chave - é ela que interioriza os objetos e lhes confere significado (KOUDELA, 1984, p. 28).

A dificuldade de dar continuidade gerou certo medo de que a única pessoa que estava tendo uma continuidade no trabalho desistisse, a Amanda, que estava desde março freqüentando as aulas, o mais interessante é que foi justamente o oposto que aconteceu. Amanda me auxiliou bastante durante o processo, e com muita paciência ajudou os novos colegas para que eles compreendessem melhor do que estava sendo falado. A linguagem com a qual eu estava trabalhando, os cinco sentidos: tato, olfato, paladar, visão, e audição,

para a criação de uma personagem teatral, eram algo muito complexo, e pouco palpável no sentido em que eles muitas vezes desconfiavam do que eu queria que eles fizessem. Compreendo por um lado, pois quando fiz este trabalho, durante uma oficina que era voltada para atores com experiência, houve um pouco desta reação, imagina quando se tratava de alunos que mal haviam sido espectadores teatrais, quanto mais conhecerem a linguagem teatral no corpo deles.

Ao ler trechos do livro *Entre o Mediterrâneo e o Atlântico*, de Maria Lúcia Pupo (2005), quando a autora relata experiências com processo de ensino-aprendizagem do teatro, em diferentes sociedades, uma ocidental e outra oriental, pude fazer esta relação, entre dois mundos diferentes, e de como cada processo é um processo dependendo do local onde acontece da cultura, da língua, enfim tudo influencia.

Por mais que eu tenha trabalhado apenas nesta comunidade, ao redor da *Escola Simão José Hess*, consigo perceber a diferença entre os calouros que entram numa faculdade de teatro, que em geral já tem uma noção da linguagem, portanto estão mais disponíveis a executarem os exercícios propostos. E alunos de uma escola da rede pública onde não é obrigatória a linguagem teatral como disciplina curricular, logo eles não tem obrigação nenhuma de saber algo a respeito. Quando os alunos se interessam e se propõe a participar de uma oficina como a que

ofereci, em geral eles têm dificuldade em se disponibilizar para executarem os exercícios e os jogos teatrais. Principalmente quando se trata de jogos que exigem o imaginário.

Embora exista um grande conflito entre o que é real e o que é imaginário durante os exercícios teatrais, a peça escolhida pelos alunos, pois dediquei um dia de aula onde levei diversos textos teatrais que eles pudessem escolher qual se identificavam mais para trabalhar e construir em grupo. O texto escolhido foi *Humberto, Doisberto, Tresberto* de Jocemar de Quadros Chagas¹ e o texto compreende exatamente este mundo do imaginário de uma criança. Conta a história de Berto, um garoto de cinco anos de idade, que depois de alguns contratempos com a mãe acaba ficando de castigo sem poder fazer as coisas que mais gosta: jogar videogame, brincar com seus amigos, com seus animais de estimação, enfim, o que lhe resta é aprender a brincar sozinho. É neste momento que surge a figura da Imaginação, que em alguns momentos assume papel de narradora, e em outros de personagem dialogando com Berto. A Imaginação ensina Berto a brincar com o universo imaginário dele, e Berto aceita por um momento, mas em outros entra em conflito em virtude da influencia de outro personagem, o Senhor Risadinha.

¹ Jocemar de Quadros Chagas foi contemplado pelo Premio FUNARTE de Dramaturgia em 2005 pela região sul. Dentro da categoria Infância e Juventude, o autor conquistou o segundo lugar no premio da Fundação Nacional das Artes.

Na interpretação que fiz deste personagem, é que ele faz o papel de opositor ao da imaginação, que seria a razão, este conflito é o grande enredo da peça, e por mais que seja dedicada ao público infanto-juvenil, pode trazer diversas leituras diferentes dependendo da faixa etária da pessoa que está lendo. O mais interessante, foi a escolha ter partido dos alunos e não da figura da professora. Eu li a peça depois deles lerem, e na mesma hora pensei: “esta é a peça que eu procurava para trabalhar com os cinco sentidos!” Foi impressionante como depois de eu comentar com os alunos sobre a relação com que vínhamos trabalhando, e com o tema da peça, eles também concordaram, e gostaram ainda mais da idéia.

Houve um momento que conclui que a relação que eu começara a ter com meus alunos não era exatamente a de um professor com aluno. Primeiro devido a minha faixa etária ser muito próxima da deles, porque são alunos que tem entre catorze e vinte e um anos, e eu não conseguia encarar como professora daquela de sala de aula, de dar bronca. Enfim, acabei por assumir uma relação de diretora teatral, ou melhor, coordenadora de um grupo teatral. A partir deste momento passei a enfrentar de maneira mais leve, o fato deles não terem a disciplina que eu buscava neles, com relação ao horário, às faltas freqüentes, que não me davam certeza de quantos participantes eu podia contar no final para a montagem do espetáculo. A figura de diretora me veio em mente, pelo

fato de gostar desta parte de preparação de atores, de criação de personagens, enfim, mas ao passo que pensava que estava dirigindo um grupo, passei a ter plena consciência de que este grupo não era um grupo profissional de teatro. Não falo isto no sentido pejorativo de forma alguma, no entanto sei que eles não têm a experiência que atores profissionais tem, logo não posso exigir que eles tenham o mesmo tipo de comportamento e comprometimento. Mesmo assim, busquei diversas vezes, chamar a atenção deles com relação à importância de estarem sempre presentes, de encararem como um compromisso sério todos os sábados naquele momento, e não que fosse somente um momento de lazer.

A peça inicialmente estava marcada para o dia 22 de novembro de 2008, e no dia oito de novembro, uma das atrizes faltou, e eu fui obrigada a jogar na mão das outras duas, que era irresponsabilidade, que além daquele dia havia somente mais um encontro antes da apresentação, enfim, esta discussão foi importante, principalmente pelo fato de eu ter tomado consciência de que eu não precisava fazer tudo sozinha e carregar nas costas a montagem, já que naquela altura, com apenas três pessoas no elenco sob a minha coordenação, logo, se qualquer uma faltasse prejudicava muito, pois não tinha como dar continuidade ao processo.

Esta consciência passou a ser tomada, quando falei que naquele dia havia preparado

algo interessante, para ajudá-las como buscar figurinos e enfim, mas que não as deixaria nem ver porque não fazia sentido, com isto mudei totalmente o plano de aula, fazendo com que elas me ajudassem na adaptação do texto, e também na confecção do cartaz, porque a Helen desenha. Fui sugerindo idéias para a personagem enquanto eu e a Amanda estávamos adaptando a peça. e o resultado de um modo geral posso dizer que foi positivo, pois justamente esta falta de seriedade, que os professores de arte questionam em relação a escola, que acaba fazendo da disciplina Artes, uma verdadeira aula de brincar.

Conquistei, pelo menos com estas alunas, não sei por quanto tempo, porém percebo que de alguma forma isto vai refletir na vida delas, pois em nenhum momento, fui complacente em relação à falta de disciplina e seriedade delas. Inclusive durante os exercícios em aula, onde eu tinha que me esforçar em dobro para me concentrar mais do que normalmente seria capaz de me concentrar, em função de mostrar exemplo, e buscar esta seriedade nelas. “O aspecto didático do Foco é determinado por um duplo referencial. A delimitação do campo de jogo garante o envolvimento do participante em cada momento do processo” (KOUDELA, 1984, p. 47). A importância das regras dentro de um jogo, e dentro da formação de um grupo, foi importante não só para o desempenho dos jogos teatrais trabalhados em sala durante os exercícios, como para a eles compreenderem que o grupo fazia as regras, elas deveriam ser

claras e serem respeitadas, uma vez que não estavam sendo impostas, e sim acordadas entre os integrantes do grupo.

Referências bibliográficas

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Anexos:

PREAC - (Estágio V) - Teatro na Comunidade:

PLANO DE AULA No 1 - DATA: 02/08/2008

Aula elaborada pela acadêmica Joana Barreto Pontes

TEMA: Retorno as aulas.

OBETIVOS: Expor os objetivos da oficina durante este semestre, que será a elaboração de um espetáculo teatral, e definição de cronograma e qual linguagem teatral será trabalhada.

METODOLOGIA DA AÇÃO PEDAGÓGICA:

Aula expositiva.

1º Momento: Este primeiro dia de encontro, será uma aula expositiva, pois vamos discutir como ficarão o cronograma das atividades, horários, e qual linguagem cênica será trabalhada para a elaboração da peça. Vou expor algumas idéias de trabalho, como encenar uma peça para um público que não contará com o sentido da visão pois estará com os olhos vendados, e os participantes da oficina devem trabalhar os demais sentidos para que o espetáculo seja compreendido mesmo com a "falta" de um sentido.

PREAC - (Estágio V) - Teatro na Comunidade:

PLANO DE AULA No 2 - DATA: 09/08/2008

Aula elaborada pela acadêmica Joana Barreto Pontes

TEMA: Apresentação de possíveis textos.

OBETIVOS: Definir o texto dramático que será utilizado para montagem do espetáculo, e fazer pequenas leituras dramáticas.

METODOLOGIA DA AÇÃO PEDAGÓGICA:

Aula expositiva.

1º Momento: Na semana passada ficou combinado que eu levaria alguns possíveis textos, e a Daiane iria trazer os textos que eu deixei com ela no final do semestre passado, desta forma iniciarei a oficina com a discussão dos textos que eles ficaram de trocar entre si durante as férias. Foram textos do Harold Pinter e Carl Valentin, com pequenos diálogos onde seria possível trabalhar com pequeno número de participantes na oficina.

2º Momento: Levarei outros textos de autores como Luiz Fernando Veríssimo, com algumas crônicas que poderão ser adaptadas para contos, dois livros da FUNARTE.